

## EDITORIAL

### DOSSIÊ: “A ESCRITA E SEUS MUNDOS” – REVISTA KOAN (UEM/CRC)

**Prof. Dr. Felipe Figueira (IFPR-Paranavaí)**

A escrita constitui-se em uma ferramenta de longa duração que serve para os mais diversos fins, que vão desde comunicação de negócios a manifestos políticos, passando por sentenças criminais, investigações filosóficas e redações escolares. Devido à sua importância e largueza no tecido social, não raro a escrita, por meio dos escritores, é representada no cinema, como se vê nas recentíssimas películas “O Autor” (2017), “Mary Shelley” (2017) e “Anatomia de uma Queda” (2023), esta, inclusive, vencedora do Oscar de Melhor Roteiro Original.

Contudo, e isso era de se esperar, a escrita não é uma coisa homogênea, isto é, há diversas formas de transmitir o que se pretende. É por isso que há inúmeros estilos de escrita e de linguagem conforme o público, de modo que um texto jurídico difere significativamente de um artigo na área de educação ou de um relatório médico. Mas, o que subsiste, ou o que deveria subsistir, é que quanto mais clareza e domínio do conteúdo e do vocabulário utilizados, mais fácil de se entender seria o texto. No caso, consta o “deveria” porque a escrita, enquanto instrumento de poder, também serve para delimitar espaços e pessoas, e estas, muitas vezes, podem se importar mais com o poder do que com o saber, sendo essa perspectiva tomada sob o horizonte do trágico.

Quanto a escritores que falaram sobre a escrita, a lista é extensa, podendo aqui citar Gustave Flaubert, Franz Kafka, Rainer Maria Rilke e Ernest Hemingway. Acerca de Flaubert, ele escreveu um conjunto de cartas cujo título é “Cartas exemplares”, em que transmite toda a angústia que era escrever. A quem pensar que escrever é apenas algo prazeroso (que também é um dos mundos da escrita) é porque, provavelmente, não desceu aos mundos mais densos desse ofício, que é, a um só tempo, físico e mental. Físico, pois a pessoa ficará horas e horas sentada, em uma movimentação fina dos dedos e dos ombros que acarretará, não raro, dores e inflamações. E mental, pois para escrever é preciso antes ler e reler (mais um mundo fundamental para a escrita)

e, então, exigir-se ao máximo, seja para escrever um artigo científico para a pós-graduação ou uma poesia. Diante do exposto, vale trazer o que disse Flaubert na carta de 03 de abril de 1852 a Louise Colet.

Eu não sei se é a primavera, mas estou com um mau humor prodigioso; tenho os nervos irritados como fios de latão. Estou com raiva sem saber de quê. Deve ser meu romance talvez a causa. Não vai, não anda. Estou mais cansado do que se empurrasse montanhas. Há momentos em que tenho vontade de chorar. É preciso uma vontade sobre-humana para escrever e eu sou apenas um homem. Às vezes parece que tenho necessidade de dormir seis meses seguidos. Ah! com que olho desesperado eu olho para eles, para os cimos destas montanhas que meu desejo gostaria de escalar! Você sabe quantas páginas eu vou completar dentro de oito dias desde que voltei daí? Vinte. Vinte páginas em um mês trabalhando pelo menos sete horas por dia; e qual o fim de tudo isto? O resultado? Amarguras, humilhações internas, nada em que se amparar a não ser a ferocidade de uma fantasia indomável. Mas envelheço, e a vida é curta. (Flaubert, 2005, p, 58-59).

O presente Dossiê visa à reflexão do que é a escrita em sua máxima pluralidade, o que permitirá relações com a pedagogia, com a autobiografia, com a literatura, com o cinema, bem como com a sociologia, a história, a linguística, a filosofia, etc. É importante frisar o “etc.” porque ele não é figurativo, mas, da essência do presente Dossiê. Sob esse horizonte espera-se que novos olhares sejam lançados sobre uma atividade tão antiga quanto essencial para a humanidade.

Flaubert, Gustave. **Cartas Exemplares**. Trad. de Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago, 2005.